

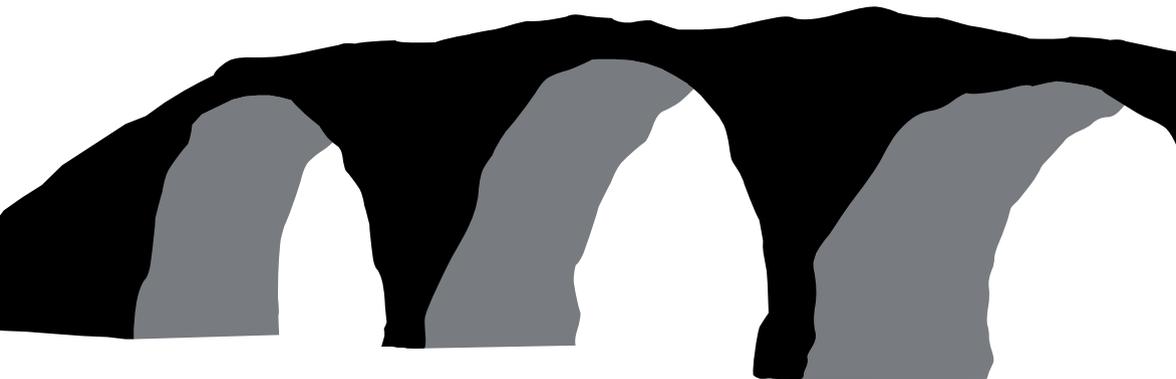
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 9 | Número 2 | Julho – Dezembro 2015

ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**GLOBALIZAÇÃO, CONSUMO E DIACRONIA:
POPULAÇÕES SERTANEJAS SOB ÓTICA
ARQUEOLÓGICA**

**GLOBALIZATION, CONSUMPTION AND DIACHRONY:
SEMIARID HINTERLAND POPULATIONS UNDER
ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVE**

Rafael de Abreu e Souza



Data de recebimento: 04/05/2014
Data de aceite: 31/05/2015

GLOBALIZAÇÃO, CONSUMO E DIACRONIA: POPULAÇÕES SERTANEJAS SOB ÓTICA ARQUEOLÓGICA

GLOBALIZATION, CONSUMPTION AND DIACHRONY: SEMIARID HINTERLAND POPULATIONS UNDER ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVE

*Rafael de Abreu e Souza*¹

RESUMO

Este artigo levanta possibilidades de olhar às populações sertanejas das áreas semiáridas do nordeste do Brasil a partir da ótica da arqueologia do passado contemporâneo, ressaltando a contribuição arqueológica à construção de narrativas alternativas aos discursos que sedimentam uma "história única" sobre o "Nordeste brasileiro". Serão ressaltadas perspectivas diacrônicas relacionadas a práticas de consumo e modos de espacializar o local de moradia, dialógicos ao par local/global, ao longo do século XX, nos sertões do Piauí, Pernambuco e Ceará.

Palavras-chave: Arqueologia do Passado Contemporâneo, Sertão, Consumo.

RESUMEN

En este artículo se plantean posibilidades de mirada a las poblaciones de la zona semiárida del noreste de Brasil desde la perspectiva de la arqueología del pasado contemporáneo, destacando la contribución arqueológica para la construcción de narrativas alternativas a la "historia única" que se construye sobre el "Nordeste brasileño". Se resaltarán perspectivas diacrónicas sobre prácticas de consumo y modos de espacialización del lugar de vivienda, a partir del dialogo local/global, a lo largo del siglo XX, en el interior de los estados de Piauí, Pernambuco y Ceará.

Palabras clave: Arqueología del pasado contemporáneo, Semiárido interior, Consumo.

1 (NEPAM/UNICAMP)

ABSTRACT

This article raises possibilities to look at hinterland populations from semiarid areas of northeastern Brazil from the perspective of the archeology of contemporary past, highlighting the archaeological contribution to the construction of alternative narratives, which settle speeches of a “single story” about “Brazilian Northeast”. It highlights diachronic perspectives on consumption practices and modes of spatializing the place of living, dialogic to the local/global pair, throughout the 20th century in the hinterland of Piauí, Pernambuco and Ceará States.

Keywords: Archaeology of Contemporary Past, Hinterland, Consumption.



Fig. 1: “Vidas, para sempre secas?” Museu Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios, Alagoas (Foto do autor, 2009)

Para a romancista nigeriana Chimamanda Adichie (2009), algumas regiões do mundo e distintos grupos sociais e culturais sofrem o que denominou de “os perigos de uma história única” (*the danger of the single story*), no sentido de que uma única história é repetidamente contada sobre eles. Arraigada ao senso comum, a história única torna difícil vê-los para além de um único estereótipo, em geral, o da pobreza (consequentemente da desgraça e da catástrofe). A pobreza torna-se sua única história e, assim, a única coisa que se tornarão (Figura 1). A insistência excessiva em histórias negativas, sem dúvida, superficializa experiências e negligencia narrativas e racionalidades alternativas. A história única cria, então, estereótipos que, não sendo necessariamente “mentira”, são incompletos, fazendo uma história se tornar a única história.

Os perigos de uma história única marcam os discursos produzidos sobre o semiárido brasileiro. A região Nordeste do Brasil tem sido vista, ao menos desde finais do século XIX, tanto pela literatura, como por médicos sanitaristas, historiadores, jornalistas, sociólogos e economistas (Lima, 1999), ora como zona pobre, com base em visões deterministas sustentadas por abordagens nas quais a desertificação, a seca, a fome e a miséria são encontradas invariavelmente juntas (Barker e Gilbertson, 2000), ora como região diaspórica, argumentação pautada por características ambientais de deserto (a caatinga e o semiárido) e pelos episódios de seca. Estas tratativas deram forma a um rígido e poderoso corpo discursivo no qual o chamado “sertão” é apresentado como homogêneo, estático, isolado, degradado e pobre, apesar de historiadores como Capistrano de Abreu terem ressaltado a mobilidade como característica dos camponeses na região. O poder desigual no mundo do século XX marcou como, por quem e

quantas histórias são contadas sobre as populações que vivem no “Nordeste seco” (Albuquerque Jr., 2011). Este poder deu habilidade a poucos de não só contarem a história dos habitantes do semiárido e das caatingas nordestinas, mas de fazê-la sua história definitiva.

A esta história definitiva acorrem discursos que ressaltam a homogeneização cultural (o abandono de “tradições” e a adoção do cosmopolita e do industrial) e/ou têm como pano de fundo uma única racionalidade ambiental para avaliar os impactos de forças globalizantes e da sociedade de consumo (e hiperconsumo) sobre uma população ou território. Conceitos são transpostos sem que se respeitem escalas e contextos específicos, a partir de leituras demasiado generalistas e dicotômicas da relação cultura/natureza, tradição/forças globalizantes, agência/estrutura e local/global.

O sertão semiárido do Nordeste sofre tanto a partir de um olhar que vê em diversas especificidades locais símbolos de pobreza, isolamento e estaticidade, como a partir de discursos que ignoram os efeitos distributivos (Alier, 2011) e a regionalização de forças globalizantes, ora exagerando o peso da estrutura (“flagelados da seca”) ora ressaltando apenas a agência (“garimpeiros d’água”²) (Dietler, 2005). Pobreza e isolamento são diagnosticadas a partir de análises demasiado simplistas da cultura material do cotidiano de seus moradores, boa parte da qual relacionada a práticas de consumo e a formas de aquisição de bens. Ao generalizar-se uma única história dos efeitos do consumo no mundo e sobre a metabolização da natureza (escassez, poluição, desigualdade, pobreza, homogeneização), pautados por assertivas da economia neoclássica (Redclift, 2000), perde-se a noção de margens de manobra (De Certeau, 2007), da emergência de outras racionalidades (Ferreira, 2005) e das subpolíticas possíveis inerentes a como diferentes atores organizam-se para minimizar problemas em esferas locais (Beck, 1997).

Consumimos demais? Em um mundo de crescentes desigualdades, do muito para poucos, o que significa consumir muito? Quem “nós” representa? Que escala é utilizada para avaliação das práticas de consumo? Consume-se menos no semiárido? Quais os objetos consumidos e descartados? Como são consumidos? Que papel têm na prática cotidiana dos habitantes do sertão? Quais, afinal, as veredas de discussão da sociabilidade do “homem simples” (Martins, 2008)?

Para reflexões em torno das questões postas, este trabalho toma como fonte os dados arqueológicos obtidos de escavações de 103 unidades domésticas, maçicamente do século XX, abarcando sua primeira e segunda metade (e recuando

2 Garimpeiros d’água são conhecedores de técnicas de localização de água subterrânea em algumas áreas do semiárido.

ao século XIX), para traçar perspectivas de mudanças/permanências em aspectos relacionados ao consumo de determinados bens no sertão do Ceará, Pernambuco e Piauí³. Chamar-se-á atenção à manutenção de tradições do fazer e da apropriação de novos materiais fruto dos processos de consumo de commodities pelo mundo, como as sandálias de borracha a partir dos anos de 1960.

Afinal, como a cultura material está relacionada a racionalidades ambientais, ao pulsar global/local e a relação agência/estrutura em populações rurais do semiárido no século XX? Aventa-se a hipótese de que a partir das práticas de consumo dos sertanejos no semiárido do Nordeste do Brasil forças homogeneizadoras carregadas por commodities são ressignificadas tornando fluidas as relações entre o global e o local ao longo do século XX. Apreender alguns destes aspectos potencializa a produção de narrativas alternativas que fragilizam a história única.

GLOBALIZAÇÃO, CONSUMO E ARQUEOLOGIA DO PASSADO CONTEMPORÂNEO

Desde os anos 1970, a Arqueologia envereda discussões sobre a cultura material moderna; apenas recentemente, entretanto, este campo consolidou-se e tornou-se consciente de si, autodenominando-se de Arqueologia do Passado Contemporâneo. Fora necessário, no entanto, que a Arqueologia revisse epistemologicamente suas próprias definições de tempo e espaço. A arqueologia do mundo moderno ou contemporâneo inclui períodos recentes em suas atribuições e usa a materialidade para tecer críticas à modernidade e a história recente dos séculos XX e XXI (Grave-Brown e Schofield, 2011; Gonzalez-Ruibal *et al.*, 2010). A Arqueologia do Passado Contemporâneo lida com problemáticas relacionadas a utilização de métodos e técnicas arqueológicas para um período, supostamente, “tão bem documentado, tão bem compreendido e familiar” (Schofield, 2009).

Esta abordagem tem permitido enriquecer possibilidades do ponto de vista histórico, patrimonial, social e político, para um contexto específico, como o sertão semiárido, naturalizado e óbvio (Ribeiro, 1979). Afinal, o que há para dizer do sertão que não foi dito? Muito. A Arqueologia raras vezes olhou populações sertanejas no semiárido, mediante o destaque aos sítios monumentais (igrejas,

3 Estes dados foram obtidos a partir das etapas de campo correspondentes as atividades de prospecção e resgate levados a cabo no âmbito do *Programa de Gestão da Ferrovia Transnordestina*, entre 2009 e 2010, a cargo da empresa de consultoria Zanettini Arqueologia, por mim coordenadas. Compõe parte de projeto de doutoramento em Ambiente e Sociedade no Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Universidade Estadual de Campinas. O refugo doméstico descartado pelos habitantes das casas de barro caracteriza sítios de superfície, típicos de áreas áridas, tendo sido escavados por método sistemático-geométrico a partir de quadras de coleta de superfície de 5x5m (conforme propõem Redman, 1987 e Orton, 2000).

fortes, engenhos) do litoral e, claro, dos contextos pré-coloniais.

A Arqueologia traz pontos de vista alternativos e novos enfoques, permitindo a construção de narrativas a partir dos dados arqueológicos para determinados fenômenos históricos (Gonzalez-Ruibal, 2006). Estas narrativas podem ser únicas, mesmo em contextos “conhecidos”, e potencializadas ao relacionarem-se a populações que não geram documentação escrita (Zanettini, 1996). Elas dão origem a uma “cartografia da paisagem” (Ayan Villa, 2008) que está para além do coronelismo, do cangaço, das secas e do êxodo rural, buscando compreender práticas e modos de vida (saber fazer) que caracterizam os *camponeses do sertão* (Godoi, 1999: 27) em sua dinâmica entre o local e o global e em sua relação com o semiárido e a caatinga. Tarefa política que a Arqueologia assume no sentido de recuperar a memória de grupos marginalizados (Funari, 2002).

Ao mergulhar em questões materiais do século XX, a Arqueologia passa a participar dos debates em torno da globalização, da modernidade, dos riscos ambientais, do consumo, dos conflitos, guerras, repressões, genocídios e desigualdades. Torna-se, assim, dialógica a reflexões em torno do consumo, do consumidor e do consumismo. Estudos sobre consumo e consumismo vêm proliferando-se desde os anos de 1970 enquanto campo do conhecimento, em especial a partir de reflexões da sociologia e da antropologia (Douglas e Isherwood, 2004; Miller, 2007), pressupondo produção e consumo como pólos centrais formadores da vida material contemporânea (Buchli e Lucas, 2001). Até então, o consumo era encarado, sob perspectiva marxista, como algo maléfico relacionado a passividade do consumidor, sua alienação, e a questões de necessidade por bens, políticas de escassez e utilitarismo (Redclift, 2000).

A influência do pensamento anti-utilitarista de Jean Baudrillard e as crítica ao economiscismo na leitura do comportamento humano (Redclift, 2000) foram fundamentais para a consolidação de correntes teóricas que pensassem “consumo” em sua acepção simbólica e semiótica. Estas correntes têm reforçado a atividade criativa de diferentes grupos que utilizam o consumo como forma de auto-expressão, vertente ressaltada pela Antropologia e pela Arqueologia (Buchli e Lucas, 2005), e/ou que o relacionam às problemáticas das forças globalizantes, dos projetos de modernidade e das questões ambientais, ressaltadas pela Sociologia (Castañeda, 2010).

Para Teresita Majewski e Michael Schiffer (2001) faltam, todavia, às pesquisas sobre consumo, estudos mais empíricos tanto no que concerne à relação entre consumo e globalização (Jackson, 2004) como à análise da própria materialidade, a qual tem girado em torno a reflexões embasadas na oralidade ou em documentos escritos. A arqueologia pode debruçar-se sobre o consumismo en-

quanto fenômeno da modernidade, entendido como complexo de tecnologias, organizações e ideologias que facilitaram a produção, a distribuição e o consumo em massa de bens, lido diacronicamente. Muitos estudos sociológicos analisam o que as pessoas dizem (discursos) sobre a globalização, deixando aos arqueólogos confrontar a globalização imanente à cultura material e às relações entre o falar e o fazer (Rathje e Gonzalez-Ruibal, 2006).

Qual a contribuição da Arqueologia ao debate? É preciso encarar a globalização como fenômeno social atrelado à produção e ao consumo de bens, o que abre aos estudos de cultura material, como os arqueológicos, vasto campo de possibilidades e contribuições (Andrade Lima, 2002). Para a Arqueologia, cujas fontes de reflexão são, maciçamente, fruto da pequena escala (objetos cotidianos e práticas rotineiras), a compreensão da globalização como processo contraditório, envolvendo fluxo multidirecionado de influências que se opõem entre si e que penetram em contextos locais e na vida das pessoas (Giddens, 2001; Mol, 2000), é fulcral. Partir da teoria do sistema mundial (Wallerstein, 1989), que ressalta um mundo articulado por sistemas complexos de trocas, permite problematizar a articulação entre produtos produzidos localmente e objetos que vem “de fora” pautados por outras lógicas que com frequência observamos no registro arqueológico. Ao debruçar-se sobre a cultura material que conforma tais processos e sistemas, a Arqueologia auxilia na sua compreensão em larga escala temporal, focando no desenrolar dos processos de interdependência global e de modernidade (Andrade Lima, 2002; Gaves-Brown e Schofield, 2010).

Para Giddens, a globalização caracteriza processos de mudança social em larga escala que forçam diferentes partes do mundo a entrar em relação umas com as outras. Daí a impossibilidade de fissura entre ações locais, de contextos sociais mais amplos que se estendem pelo mundo, e mudanças em hábitos de consumo no século XX. Deve ser intrínseco às análises sobre os efeitos das forças globalizantes, percepções do jogo local/global. A globalização é, também, um fenômeno local que afeta a vida cotidiana de todos e cujos efeitos se fazem sentir na esfera da privada, onde encontram práticas preexistentes. Uma cultura global é dialógica a diferenciações locais no âmbito de formas e tradições culturais; tais tradições locais unem-se a um conjunto de formas culturais adicionais provenientes do “estrangeiro”, abrindo às pessoas um leque de opções de escolhas de estilos de vida que dão origens a identidades híbridas (Canclini, 1998).

Arthur Mol, ao levantar possibilidades para pensar a globalização como fenômeno novo ou como continuação de uma expansão que começara há 400 anos, com a emergência do capitalismo, destaca como formas e dinâmicas de interconectividade e interdependência mudaram radicalmente nos últimos 30-40

anos (1960-70), acompanhadas de uma crescente intensificação da consciência do mundo como um todo. Como Giddens, Mol é crítico a globalização como processo com consequências universalizantes e resultados homogeneizadores. Para o autor, a distribuição desigual de bens e acessos a recursos naturais torna a globalização equivalente a heterogeneização, com consequências diversificadas em nível local, uma vez que mensagens culturais globais são recebidas e interpretadas diferentemente em várias localidades. No Brasil, exemplo destas perspectivas remetem às pesquisas nos acampamentos de caçadores de foca na Antártida (Zarankin e Senatore, 2007).

Para além das homogeneidades, Saargaren ressalta que o consumidor não é agente passivo seduzido pela sociedade de consumo, dado haver uma enorme variedade de maneiras através das quais as pessoas se relacionam com produtos. Estas diferentes maneiras caracterizam estilos de vida, entendidos a partir da coerência entre as práticas sociais e as narrativas que os agentes auto-atribuem a essas práticas. Certamente, não se pode reduzir a adoção de novos bens ao abandono puro e simples de práticas e tradições, assim como deixar de reconhecer que bens foram apropriados e ressignificados em contextos distintos daqueles de sua produção original, como apontarei no caso das sandálias de borracha.

O consumo dos objetos, as redes de produção, circulação, aquisição, uso (reuso) e descarte ocorrem, eminentemente, em nível local. Ações locais não devem ser separadas de contextos sociais mais amplos, dos processos de mudança social em larga escala (Giddens, 2001). Giddens (2001) tem ressaltado que o comércio global e as novas tecnologias tiveram profundo impacto em comunidades que se assentavam em manufaturas tradicionais. No caso do sertão do Nordeste, a rede conformada pela produção e distribuição da cerâmica de produção local/regional é evidente e permanece em diversos estados. Esta tradição de saber fazer parece datar do século XIX⁴, quando uma nova configuração populacional conformou-se na região, em especial com o acirramento do olhar do Estado para as populações que ali viviam, assim como seus desmembramentos de núcleos de antigas fazendas pecuaristas (Woortmann, 1995: 221). Isto teria acarretado o desenvolvimento de novos modos de viver que partiram de conhecimentos pré-existentes, como o da produção cerâmica (na forma de quase todos os recipientes utilizados para armazenamento de água e preparo de alimentos) (Amaral, 2012; Queiroz, 2015).

Como novos objetos e novas matérias primas dialogam com esta realidade? Como e quando chegam, de onde vêm, como são acessados, utilizados e ressignificados? Como esta cultura material dialoga com processos que enredam pessoas

4 Dada a ausência e baixíssima frequência de sítios arqueológicos anteriores a 1830 na região, segundo os dados obtidos na prospecção (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2011).

e objetos juntos, em escala global, mas permitem a criação e manutenção de grupos sociais? A análise arqueológica contextual, em sua dimensão estatística e sociológica, em especial concernente a áreas de descarte de refugio doméstico, dá especial atenção a coleta de dados que sustentam estudos de frequência, recorrência, ausência e permite olhares complementares às abordagens não quantitativas aplicadas aos estudos de consumo. Tais métodos fornecem, ainda, à Arqueologia, a habilidade de examinar longos períodos de tempo e investigar fases de transição da histórica cultural humana (Orser Jr., 2000) através de permanências e mudanças diacrônicas.

AS CASAS SERTANEJAS E SUAS PRÁTICAS DE DESCARTE

As unidades domésticas, as casas, no semiárido da região Nordeste representam modos através dos quais identidades sociais se manifestam materialmente na forma espacial (Heckenberger, 2011). Este microcosmo apresenta morfologia de assentamento que lhe configura certa padronização: a presença de estrutura principal (as casas de arquitetura de barro – taipa de pau a pique, que ganha os mais variados nomes), o terreiro (um espaço que tem seu epicentro na casa, delimitado por plantações ou pela própria vegetação de caatinga - que conforma clareiras, no interior das quais ocorrem relações de sociabilidade) e uma pequena área de descarte de lixo doméstico (porção do terreno escolhida para lançamento dos resíduos cotidianos, maciçamente em superfície) situada, em geral, aos fundos (ou com menor frequência na lateral da casa), cuja extensão varia de 25 a 150m² aproximadamente. Tal configuração manteve-se como forma de organizar o espaço para habitar ao longo de todo o século XX, recuando ao final do XIX (Figura 2).



Fig. 2: Casa de taipa em Acopiara, CE (foto do autor)

Estas pequenas áreas de descarte contêm alguns dos objetos utilizados, reutilizados e abandonados, ali deixados maciçamente durante o período de ocupação. Estes artefatos foram adquiridos, em sua maior parte, através de trocas e comércio, seja a partir das feiras, cujo papel para as economias regionais camponesas é imensa, seja por trocas diretas em redes configuradas por relações de sociabilidade com vizinhos e comunidades. Alguns, no entanto, foram ali mesmo produzidos.

As áreas de descarte são exemplo de racionalidades ambientais (Ferreira, 2005) relacionadas a concepções de natureza como “sumidouro”, situadas aos fundos, longe dos olhares de vizinhos e visitantes, e de relações específicas com “rejeitos” (Redclift, 2000), uma vez que, descartados, são frequentemente reutilizados. No caso sertanejo, o uso de áreas de descarte faz parte de práticas de apropriação do ambiente “natural” à esfera humana, tornando o espaço doméstico (Beaudry, 2004) um *continuum* da caatinga: a presença humana constrói o espaço doméstico ao mesmo tempo em que este só existe a partir da caatinga que o materializa e delimita. Fica claro que os modos de descartar o lixo desta população configuram a invariância pois pouco se alteraram ao longo do século XX, apesar das mudanças em seus conteúdos e na representatividade e frequência de alguns objetos.

Ao asseamento do terreiro, contrapõe-se sua porção destinada ao descartado em superfície. Diferente do fenômeno das lixeiras urbanas (*privies*), escavadas no solo, populares até o acirramento das coletas sistemáticas de lixo e da alteração de padrões de higiene nos anos 1950 (Wheeler, 2000), os moradores das casas nas áreas rurais do semiárido não enterravam seus refugos: primeiro, pela própria característica de um terreno composto por uma fina camada de solo sob a qual afloram rochas e piçarras, e, em segundo lugar, por uma relação com os descartes diferente daquele urbano. Em um quintal aparentemente sem limites claramente definidos, ausentes cercas, e delimitados pela caatinga através de clareiras que dão fluidez a esta passagem, a área de descarte, longe do olhar da sociabilidade, aos fundos, era a prática mais recorrente.

A manutenção desta prática ao longo de todo o século XX caracteriza um modo não apenas de construir o espaço doméstico, domesticar um ambiente, mas também indica como uma tradição de assim fazer perdurou ao longo de todo este tempo. As unidades domésticas do final do século XIX têm características materiais semelhantes em termos espaciais as do XX. Anterior a este período, quase não existem registros materiais com tal conformação espacial (casa, áreas de descarte, etc.), o que leva a crer, mais uma vez, que o século XIX marcou nova configuração da população que habitava o semiárido. Dava-se início a novos estilos de vida cujas estruturas principais encontramos atualmente no sertão (sob a forma de “tradição”).

Isto não quer dizer, de modo algum, que as novas formas de viver que se estruturam no final do século XIX não são dialógicas a práticas anteriores, nem que ao longo do século XX, o significado destas práticas **não** tenha sido ressignificado e reinventado à luz da intensificação das pressões de lógicas capitalistas sobre seus habitantes, em especial a partir dos anos 1940-1960. O que se ressalta é que um modo semelhante de relacionar-se com o ambiente fora mantido, assim como conhecimentos associados, de forma que a maneira de descartar os resíduos manteve-se ao longo de todo o século XX, associada a uma espacialização específica e ao uso do barro como fonte primordial para construção da casa. Esta permanência dialoga com as mudanças no próprio conteúdo das áreas de descarte e, portanto, nas práticas de consumir alguns bens. Apesar do parcelamento e privatização da terra, da paranoia da impermeabilização, com uso de cimentos e concretos, e do embate **médico-sanitarista** contra a insalubridade, o barro manteve-se, devendo ser entendido para além de dificuldade de acesso e poder aquisitivo.

Dos **sítios arqueológicos** escavados, selecionei uma amostra de 77 para análise dos padrões de conteúdos das áreas de descarte (20 no Piauí, 22 no Pernambuco e 35 no Ceará). Por meio do uso de técnicas para datação relativa (Adams, 2001; Araújo e Carvalho, 1993; Deetz, 1996; Sneddon, 2006; South, 1994; Symanski, 1998) situei as ocupações no tempo (entre 1830 e 2009), quando possível, através do cálculo de uma data média para entender a variação de categoriais artefatuais no cotidiano material das unidades domésticas. Destarte sítios de superfície, com material bastante fragmentado, parto de inferências sem poder calcular números mínimos de recipiente. Mas ao sintetizar os dados, foi possível notar que os recipientes cerâmicos de produção local/regional (Zanettini e Wichers, 2005) dominam o dia-a-dia destas pessoas, variando no intervalo de tempo proposto, percentualmente, de 80 a 30%. O gráfico a seguir (Figura 3) mostra como a constância da cerâmica é alternada a partir dos anos de 1940, em especial pela entrada de novos bens, industrializados, commodities produzidas em outros países (como os vidros e plásticos) ou em zonas industriais nacionais.

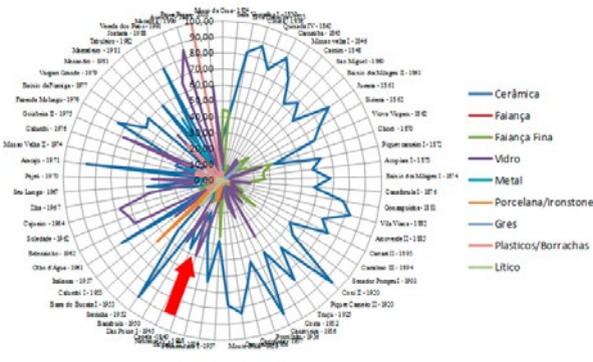


Fig. 3: Total percentual das categoriais artefatuais por unidade domestica no tempo. A seta vermelha indica o anos de 1940. (dados do autor)

A cerâmica de produção local/regional faz parte do sistema interno de abastecimento que perdura no semiárido até os dias atuais, produzida por mulheres oleiras, as *loiceiras*, em pequenos fornos domésticos, fruto de um saber fazer que é passado entre gerações (Amaral, 2012), mas que se reinventa frente a mudanças nas práticas de consumo. Nota-se que a variabilidade morfológica dos recipientes cerâmicos diminui ao longo do século XX, com gradativa predominância de grandes recipientes destinados a armazenamento (potes, jarras). Esta produção tradicional é, todavia, a que maior oscilação apresenta, sugerindo que o modo de fazer a ela associado, ligado ao sistema local de abastecer-se de determinados bens, sofre grande alteração com a chegada de novos bens e, com eles, novas lógicas.

As demais categoriais representam, ainda hoje, pouco deste cotidiano. As louças brancas em faiança fina (com alta expressão de pratos) mantiveram-se entre 20 e 10%, o vidro entre 0 e 30% e os polímeros sintéticos (objetos em plásticos e borrachas) entre 0 e 15%. O gráfico a seguir apresenta as linhas de tendência construídas a partir das amostras resultantes das intervenções arqueológicas nas áreas de descartes.

Graficamente, podem ser identificadas tendências nas categoriais artefatuais no intervalo de tempo abarcado pelas unidades domésticas escavadas. Percebe-se o declínio percentual da cerâmica de produção local/regional (cujas sobrevivências passam a restringir-se cada vez mais a grandes recipientes para cocção ou armazenamento), inversamente proporcionais a categorias industrializadas, como o vidro, e outras, discretamente, como plásticos, metais e louças brancas em porcelanas (Figura 4).

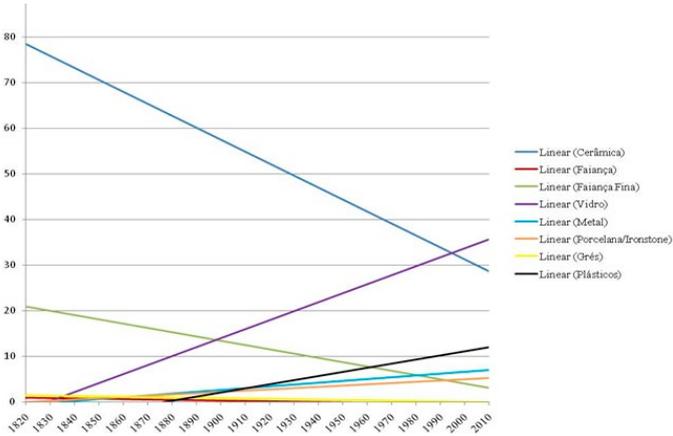


Fig. 4: Linhas de tendência (linear) de categorias artefatuais, no tempo (dados do autor)

De modo geral, a quantidade de objetos descartados presentes nas áreas de descarte cai ao longo do século XX, como se a população passasse a ter menos acesso a bens materiais à medida que é enredada pelas teias da economia global. Exercício com gráficos de linhas de tendência (Figura 5) para o Ceará mostra como a quantidade de artefatos por áreas de descarte cai exponencialmente ao longo do século XX.

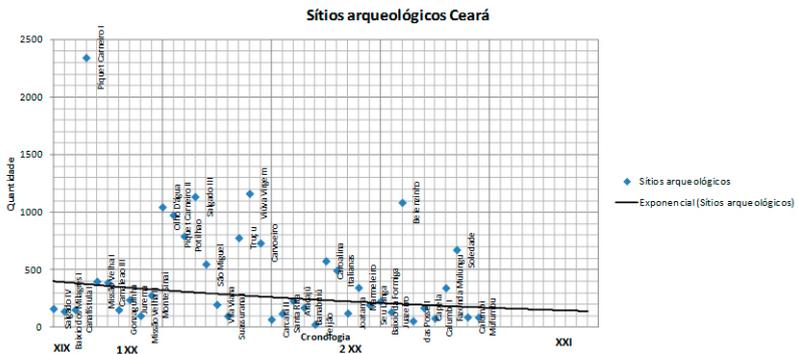


Fig. 5: Linha de tendência do total de artefatos por sítio no Ceará (dados do autor)

IDIOSSINCRASIAS E MUDANÇAS NO COTIDIANO DO SERTÃO NO SÉCULO XX

Os dados acima permitem aventar episódios significativos de mudança no cotidiano doméstico na região do sertão do Ceará, Piauí e Pernambuco ao longo do século XX: um primeiro, menos abrupto, consolidado ao longo da primeira metade do século XIX, caracterizado pelo aumento na densidade da ocupação do território, processo que faz proliferar ocupações de casas de barro. A ausência de ocupações anteriores sugere outra configuração espacial populacional, em geral relacionada a núcleos estabelecidos junto de fazendas e engenhos. E um segundo, a partir de meados do século XX, quando, destarte a manutenção de algumas estruturas caras a estas formas de morar, mudanças mais drásticas ocorrem no conteúdo das práticas de consumo e nos tipos de produtos consumidos.

O fim de grandes propriedades pecuárias no século XIX impulsiona a antiga população trabalhadora a espriar-se pelo semiárido, organizadas no espaço de modo a construir redes de sociabilidade que dessem conta de complexos sistemas de abastecimento locais e regionais, pautados, pela criação de animais (gado, cabras), pequenas roças e especialização de atividades como tecelagem e produção cerâmica, esta certamente exercida pelas mulheres. Neste momento ter-se-ia consolidado a tradição cerâmica que atualmente se vê na região, com sobrevivência maciça dos grandes recipientes escovados para armazenamento. Como propõe Giddens (2001), muito do que se supõe tradicional e imerso nas brumas do tempo, é produto, no máximo, dos últimos dois séculos e com frequência é ainda mais recente.

No final do século XIX, portanto, a tradição cerâmica do sertão parece ter sido inventada, com a delimitação de suas formas e modos de fazer particulares, cuja matriz profunda de conhecimentos oleiros remonta a tempos mais antigos, mas que ganha a conotação de produto para uma rede de abastecimento específico neste momento. É esta cerâmica que vai predominar pelas próximas décadas, quando, com os anos de 1960, mudança significativa ocorre nos modos de consumo desta população, em especial com a entrada de objetos fabricados industrialmente em vidro e borrachas. Tais objetos encontram realidade pautada em lógicas campesinas diversas, que os transfiguram em matéria prima para novas poéticas de produção que têm no reuso sua expressão.

Um primeiro olhar aos refugos de populações que ocuparam estas regiões semiáridas, em diferentes momentos do século XX, leva a crer que a quantidade de objetos consumidos cai da primeira para a segunda metade do século XX, como indica o gráfico acima. O que isso, efetivamente, indica? Sabe-se que a maior disponibilidade de bens materiais, resultado da produção em massa e das

novas formas de circulação das mercadorias, implicou mudanças na relação entre pessoas e coisas através de novos padrões de consumo (Senatore e Zarankin, 2002).

Se uma determinada população consome menos bens, gerando menos resíduo, quão válidas são afirmativas generalistas de que o consumo no mundo vem aumentando? A escala torna-se, assim, imprescindível. A mudança nos padrões de consumo das casas de barro estaria ligada ao fato de viver-se, no século XX (e, aqui, recuando ao século XIX) em um mundo em transformação no qual fenômenos sociais como os da globalização acrescentaram parafernália moderna a modos de vida preexistentes, reestruturando-os e influenciando a vida cotidiana, concomitantemente ao aumento da desigualdade e polarização do consumo de bens industrializados (Giddens, 2003).

Esta reestruturação não remete diretamente a uma submissão ou aceitação de padrões e sistemas impostos (Spaargaren, 2000), mas à emergência de novos modos de vida que conjugam mudança e permanência no âmbito de um dinamismo tático que estabelece margens de manobra aos consumidores (De Certeau, 2007), forjando identidades locais em diversas partes do mundo. A manutenção do uso e a produção da cerâmica para consumo cotidiano ainda no século XX dialoga com a entrada de novos objetos que carregam novas agências (Gosden, 2005). A continuidade do consumo de recipientes cerâmicos produzidos local/regionalmente, para além da manutenção de um hábito (no uso) e de uma tradição (na produção) sugere que o tradicional é reforçado, não abandonado, e construído, como instrumento identitário para existência em um mundo em transformação.

A globalização emerge como um processo incompleto, não finalizado, cujos contornos são formatados por práticas sociais e culturais locais. Ao longo do século XX, as populações rurais sertanejas, para além de teorias de isolamento, estariam dialogando ativamente com a chegada de novos produtos e a forja de outras práticas de consumo, domesticando forças globais em contextos específicos, persistindo em algumas atitudes, inovando em outras, o que, de modo algum, configuraria homogeneização de costumes (Jackson, 2004).

A intensificação da visibilidade material das práticas de reuso, em especial no que concerne às sandálias de borracha, é exemplo desta inovação. Os polímeros sintéticos parecem ter chegado no cotidiano do sertão através dos calçados. A importância das sandálias em um mundo de mobilidade e estradas carroçáveis, de chão batido, cascalheiras e seixos aflorando em superfície, fora potencializada por sua durabilidade, concorrendo provavelmente com as velhas sandálias de couro. O espraiamento do mundo industrializado encontrou, aí, mercado consumidor propício. Por outro lado, as sandálias acionaram e fortaleceram mecanismos de práticas de reuso, construindo híbridos através de um exercício de tradução (Latour, 2008).

As sandálias tornam-se indicadoras de que o consumo não é o fim da vida do objeto (Gosden, 2005), mas o início de uma nova poética de produção que quebra a ontologia compra-descarte da sociedade de consumo de massa e burla a aceleração da obsolescência, da diminuição da durabilidade e da possibilidade de reparar produtos (Gorz, 2010). Tornam-se matéria-prima para artefatos que, em baixa frequência, são constantes em quase todos os contextos da segunda metade do século XX: rodela (em diferentes locais denominadas *rodinhas*). As características intrínsecas e extrínsecas das sandálias de borracha permitiram usos alternativos àqueles pensados pelos produtores, o dito “uso pretendido” (Skibo, 1992) ou “mercantilização terminal” (Kopytoff, 2008). Esses outros usos, que fortalecem valores de troca, são caros ao considerarmos a produção da sandália como *commoditie*, frente a seu uso real ou singularização que constitui um processo autônomo, cognitivo e cultural que ocorre, em geral, após a retirada da sandália, enquanto mercadoria, da esfera mercantil.

No caso das Havaianas e outras sandálias de borracha, o que ocorre quando o movimento e o uso alteram o senso “original” no qual foram criadas para fazer parte de um novo universo material? O que ocorre quando vão além das fronteiras da sociedade produtora e são integradas ao cotidiano de outros grupos sociais, adquirindo novos papéis e significados?

Para reflexão sobre esta prática e sua relação com as *rodinhas*, parto de objetos identificados em 30 contextos domésticos, variando em tamanho da seguinte forma: 11% possuem diâmetro entre 1,5 a 3 cm, 86% entre 3 e 6,5 cm e 3% entre 8,5 e 9 cm; dois diâmetros médios podem ser verificados: 2,8 cm e 4,8 cm, indicando, claramente, funcionalidades diversas. Nota-se que quanto maior o diâmetro menor a recorrência, o que vale também para diâmetros menores.

As *rodinhas* produzidas a partir de solas de sandálias de borracha (Figura 6) são resultantes da escolha de sandálias já bastante gastas, mas sem rachadura ou fragmentação da palmilha (sola), mesmo que a forquilha esteja arreventada. As sandálias utilizadas são de pés adultos, variando entre os números 28 e 38 (das que puderam ser identificadas), selecionadas com base na extensão da superfície do suporte; sandálias de tamanhos infantis estão presentes na coleção, mas em menor quantidade, dado poderem produzir, em geral, somente uma *rodinha* de diâmetro médio (3 a 6,5 cm). Para a produção das rodela a partir das palmilhas, são selecionadas as porções mais centrais do solado, evitando-se áreas que tendem a sofrer maior desgaste e que, por isso mesmo, apresentam menor espessura – tanto a porção proximal (pelo peso do calcanhar durante o caminhar) como a distal (pelo apoio dos dedos do pé durante a passada). Deste modo, as *rodinhas* podem ter maior espessura.



Fig. 6: Rodelas do sítio Aurora II, Aurora-CE, e do sítio Calumbi, PI (foto do autor)

Rodelas produzidas a partir de sandálias de borracha demonstram que idiosincrasias culturais não são suprimidas pela cultura-mundo (Lypovetski e Serroy, 2011). Exemplificam práticas sertanejas, dialogais a questões de acessibilidade, e referentes a manutenção de modos de lidar com os objetos que tem no reuso expressão da flexibilidade tecnológica de aparatos materiais, marcado por inventividade e criatividade (Hiscock e Wallis, 2005). O reuso tende a aumentar (não apenas nas sandálias) a partir de meados do século, como resposta local a uma série de mudanças que passam a ocorrer a partir dos anos 1960, enquanto consequência da modernidade, como a própria chegada maciça de novos produtos industrializados (Giddens, 1991). Em baixa recorrência, substituíram objetos preexistente (sandálias de couro), mantendo sua forma/função, mas alterando relações cognitivas a partir de novo material (borracha). Utilizadas como rodas de carrinhos de lata de sardinha, calços, boias de rede, alisadores de cerâmica ou utilizadas em armas de fogo, caracterizam produção não mapeada que deixa claro como usos reais são infinitamente mais amplos usos pretendidos (Skibo, 1992) e que as pessoas, na esfera cotidiana, constroem táticas que ultrapassam as estratégias dos produtores (De Certeau, 2007).

A análise do consumo e do uso dos polímeros sintéticos entre os *camponeses do sertão* permite problematizar como a produção industrial, incentivada por forças globalizantes, é sentida em nível local. Ao comporem um dia a dia, passam a estruturar modos de fazer nos quais tradições são ressignificadas e artefatos que são fim e começo, como panelas cerâmicas e rodelas de borracha, coexistem e compõem uma totalidade. Um olhar acurado à cultura material do sertanejo permite perceber racionalidades diametralmente opostas às teses de homogeneização dos comportamentos de consumo e hábitos culturais pressupostos como efeitos da industrialização e produção em massa (Giddens, 2001; Mol, 2000).

Formas de acesso, uso, procedências e consumo contrapõem-se à imagem de estaticidade que tessituras discursivas reforçam sobre os habitantes do semiárido brasileiro (Albuquerque Jr, 2011), e à ilusão de que todos somos um único tipo de consumidor ou que consumimos do mesmo modo, visão fortalecida pela construção discursiva do global (Yearley, 1996). Os objetos e a relação entre eles traz luz a como populações consideradas marginais são ativas frente à imposição de certos comportamentos, construindo novas tradições e mantendo hábitos no âmbito de táticas de consumo relacionadas à resignificação de alguns bens que passam, estruturalmente, a fazer parte de seus cotidianos.

COMENTÁRIOS FINAIS

A crítica marxista à alienação fortaleceu o mito de que estilos de vida pré-industriais seriam pautados pela autossuficiência a partir de produtos oriundos do próprio trabalho, o que ignora processos de especialização e troca que ocorrem em diversas comunidades pelo mundo (Buchli e Lucas, 2005; Sahlins, 2004). Pensar a dinâmica de abastecimento, circulação e usos da cultura material de populações sertanejas ao longo do século XX permite notar mudanças e permanências relacionadas à esfera do consumo e às relações particulares que estabeleceram, em nível local, com as forças globalizantes representadas pela chegada de bens industrializados. A produção cerâmica “tradicional”, sua manutenção e seu diálogo com novos objetos e novas matérias-primas produzidas em massa possibilita que se narre o sertão por outras óticas para além da estanque equação seca = pobreza = miséria = isolamento.

As práticas de consumo podem ser encaradas como processos criativos na medida em que significados são construídos e velhos artefatos dão origem a novos, em poéticas de produção que fogem aos olhos de análises desatentas. A fabricação de rodela a partir de sandálias de borracha recorre em diversas porções do semiárido brasileiro, com distintas morfologias, tamanhos e marcas, tecnologicamente distintas, atendendo a diversas funções e indicando como o uso real escapa à normatividade dos usos pretendidos (Skibo, 1992). A chegada destes objetos, representativos da produção industrial, não pode ser entendida pressupondo a existência de “tabulas rasas” sobre as quais incide um sistema econômico (Redclift, 2000).

Sahlins (2004) muito bem afirmou que as forças capitalistas materializam-se em formas e finalidades diversas, em lógicas culturais exóticas distantes do fetichismo da mercadoria nativa; para o autor, os efeitos específicos das forças materiais-globais dependem das maneiras pelas quais são mediadas nos esquemas culturais locais. Por isso, integração global e diferenciação local devem ser

encaradas como processos simultâneos, inerentes a cultura material sertaneja.

A modernização como processo homogeneizante, em última análise conduzindo a convergência das sociedades a ela submetidas, deve ser relativizada em prol de abordagens que ressaltem múltiplas modernidades (Tavolaro, 2005) ou, pelo menos, que considerem que cabedais socioculturais dão origens a formas de modernidade altamente diversas (Schmidt, 2007). O consumo de materiais industrializados no sertão do Ceará, Pernambuco e Piauí não superou o de materiais de produção local/regional, como as panelas, potes, jarros, quartinhas e um enorme aparato que domina o universo da alimentação e que é parte da manutenção de um saber-fazer específico e de uma identidade.

Concomitantemente, a adoção de materiais industrializados como as sandálias de borracha mostra a importância da compreensão de contextos locais na ressignificação de uma pretensão carregada por objetos como calçados; as práticas de reuso, parte da flexibilidade tecnológica presente entre camponeses de áreas áridas, hiperáridas e semiáridas do mundo (Veth *et al.*, 2005), quebra a lógica compra-descarte das sociedades de consumo de massa e, pautada pela criatividade, criam novos objetos que circulam em redes profundas. Tais redes fazem parte de margens de manobras táticas, “engenhosidades do fraco para tirar partido do forte”, que desembocam na politização das práticas cotidianas (De Certeau, 2007) e atuam como subpolíticas híbridas (Beck, 1997).

Para Durval Albuquerque Jr. (2011), enquanto invenção da modernidade brasileira, o Nordeste fora discursivamente construído como espaço exemplar da miséria e da injustiça social advindas do sistema capitalista, “do pobre, do pouco, do menos, dos severinos amarelos até na alma”. É possível perceber, todavia, a partir dos contextos escavados, permanências e momentos de mudança, na amostra analisada, como aquele relacionado aos anos de 1940-1960, quando a cerâmica é ultrapassada, em quantidade, por recipientes vítreos, antes de difícil acesso e intenso reuso (reduzindo sua recorrência no registro arqueológico) e, posteriormente, de mais fácil acesso e quiçá menos reuso. Paralelamente, outras práticas de reuso e manutenção intensificam-se, em especial voltadas aos artefatos de borracha. Isto pode estar relacionado às incertezas com as quais estas pessoas passaram a lidar no século XX, em especial frente ao acirramento das desigualdades sociais e acesso a determinados bens (somadas a decomposição de alguns saberes ambientais), transformando conhecimentos subjacentes à vida diária e ao mundo industrializado, os quais se manifestam de diversas maneiras (Redclift, 2000).

É deste modo que a análise da cultura material, e das práticas de consumo a elas relacionadas, dos moradores das casas de taipa do semiárido cearense,

pernambucano e piauiense permite rizomatizar a história única contada sobre o sertão nordestino, tornando agônico um discurso antagônico (Albuquerque Jr., 2011). Para tal, é necessário acessar redes profundas que tem a ver com as consequências materiais da modernidade e das forças globais, como o acirramento das desigualdades e da distribuição desbalanceada de bens. Construir unidades de investigação baseadas apenas na polarização da vida social pelo consumo e pelo poder, a divisão privilegiados-subprivilegiados de Ilich (1975), deixa pouca abertura para considerar que o consumo moderno não é inexorável (Wurst e McGuire, 1999), que mensagens culturais globais são recebidas e interpretadas diferencialmente em diversas localidades (Mol, 2000) e que desligar-se de trajetórias passadas que incidem sobre identidades contemporâneas é impossível em sua totalidade (Therrien *et al.*, 2004).

A transformação, física e simbólica, do calçado em brinquedo mostra modos de organizar novas experiências de forma criativa, dentro de visões coerentes: criatividade como resposta às orientações dos valores de troca e dos valores de uso. Quanto mais usada a *rodinha*, menos suas arestas estão vivas, e mais redondo é seu bordo, permitindo que o carrinho “deslize” com mais facilidade. As melhores *rodinhas* são aquelas mais usadas, guardadas e emotivamente referenciadas, cuja sabedoria de produção é passada entre gerações no lugar de brincadeira dos terreiros e quintais, marcando alguma diferença entre sistemas de valor de uso que fundamentam economias camponesas e a base mercantil do capitalismo (Sahlins, 1997: 52).

As sandálias como mercadoria possuem propriedades que estão além do valor de uso de oferecer conforto, facilitar a caminhada e mesmo agradar aos olhos: elas possuem valor de troca. A produção das *rodinhas* a partir da sola de antigas sandálias permite notar que a distinção entre valor de uso e valor de troca corresponde às diferentes configurações do processo econômico no semiárido (Taussig, 2010). Ao inverter a lógica da *commoditie*, aquela da compra-consumo-descarte cara ao consumismo das sociedades urbanas, prolongando a vida do artefato, transformando o bem consumido em ponte para uma nova produção e permitindo que circule por universos outros que aquele relacionado a seu uso pretendido, dando origem a uma nova tradição que recua aos anos de 1960, os sertanejos estão desenvolvendo mecanismos que visam obtenção de maior resistência cultural que lhes permite sobrevivência em um mundo em constante transformação (Woortmann, 1995).

Entendo as mudanças na cultura material sertaneja com a chegada de novas formas e artefatos também como práticas oposicionais do dia a dia, como chamou Michel De Certeau (De Certeau *et al.* 1980), em um mundo de permanente

exclusão, discursiva, material e geográfica, no quadro de uma estrutura patriarcal de subordinação. Acomodam e intensificam forças potenciais de mudança na lógica interna dos sistemas socioculturais locais em aspectos micropolíticos da casa e em contextos mais abrangentes da política econômica regional (Murrieta, 2001: 75). O sertão e o sertanejo, transformados pelo poder hegemônico em hiato, selvagem, terra ignota, na qual a natureza rude é evitada pelos grupos humanos em seus deslocamentos (Santana, 2012), agem ora pela fluidez, quando é necessário mudar, ora pela permanência, quando é preciso ficar, preenchendo "vazios" e materializando seu cotidiano. Categorias foram negociadas e manipuladas em forma discursivas e não-discursivas e alcançaram níveis bem sofisticados nas práticas cotidianas, como mostrou Rui Murrieta (2001: 59) para contextos caboclos amazônicos.

As *rodinhas* materializam reações camponesas ao capitalismo industrial, a o que um olhar impressionista encararia sua presença com ares de naturalidade que confundem e camuflam relações sociais (Taussig, 2010), justificando-as pelo signo da pobreza e pela ideia de bem limitado (Foster, 1967) através de uma concepção miserabilista que transforma esses agentes em incapazes de produzir um mundo e habitá-lo simbolicamente. As *rodinhas* nos dizem exatamente o contrário. Nos dizem que termos como "homogeneização cultural" e globalização são extremamente complexos e precisam ser abordados em diferentes escalas, seja enquanto "outra racionalidade" seja como "contra-racionalidades" (Brandão, 2007: 41).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, W. H. 2003. Dating Historical sites: the importance of understanding time lag in acquisition, curation, use, and disposal of artifacts. *Historical Archaeology*, vol. 2, n.37:38-64.
- ADICHIE, C. 2009. The danger of a single story. TED. Disponível em <http://africa.harvard.edu/chimamanda-adichie-the-danger-of-a-single-story/>. Acessado em 11/02/2012
- ALBUQUERQUE JR., D. M. 2009. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Massangana, Recife.
- ALIER, J. M. 2011. *O ecologismo dos pobres*. Contexto, São Paulo.
- AMARAL, D. M. 2012 *Loiça de barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana*. Dissertação (mestrado), MAE/USP, São Paulo.
- ANDRADE LIMA, T. 2002. O papel da Arqueologia Histórica no mundo globalizado. In ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X. (org.) *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas*. Del Tridente, Buenos Aires. Pp. 117-127.
- ARAÚJO, A. G. M.; CARVALHO, M. R. R. 1993. A louça inglesa do século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu, São Paulo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 81-95.
- AYÁN VILA, X. 2008. El paisaje ausente: por una arqueología de la guerrilla antifranquista en Galicia. *Complutum*, vol. 19:213-237.
- BARKER, G.; GILBERTSON, D. D. (ed.) 2000. *The archaeology of drylands: living at the margins*. Routledge, Londres.
- BEAUDRY, M. C. 2004. Household archaeology. In ORSER, C. (org.) *Encyclopedia of Historical Archaeology*. Routledge, Londres. Pp. 301-310.
- BECK, U. 1997. *The reinvention of politics*. Polity Press, Cambridge.
- BRANDÃO, C. R. 2007. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. *Ruris*, vol. 1, n. 1:37-64.
- BUCHLI, V.; LUCAS, G. (org.) 2001. *Archaeologies of Contemporary Past*. Routledge, Londres.
- CANCLINI, N. G. 1998. *Culturas híbridas*. Edusp, São Paulo.

- CASTAÑEDA, M. 2010. Teorias das práticas na análise do consumo. *Ciências Sociais, Unisinos*, vol. 46:248-255.
- DE CERTEAU, M. 2007. *A invenção do cotidiano*. Vozes, Petrópolis.
- _____; JAMESON, F.; LOVITT, C. 1980. On the oppositional practices of everyday life. *Social Text*, vol. 3:3-43.
- DEETZ, J. 1996. *In small things forgotten*. Doubleday, New York.
- DIETLER, M. 2005. The archaeology of colonization and the colonization of archaeology. In STEIN, G. J. (org.) *The archaeology of colonial encounters*. School of American Research Press, Santa Fé. Pp.33-68.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. 2006. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. UFRJ, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, L. C. 2005. A centralidade da interdisciplinaridade nos estudos sobre ambiente e sociedade. *Política e Sociedade*, vol. 4:185-201.
- FOSTER, Gregory. 1967. Peasant society and the image of limited good. In: POTTER, et al. (Org.) *Peasant society – a reader*. Little Brown, Boston.
- FUNARI, P. P. A. 2002. Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na arqueologia brasileira. *Horizontes Antropológicos*, vol. 8:131-153.
- GIDDENS, A. 1991. *As consequências da Modernidade*. UNESP, São Paulo.
- _____. 2001. *Sociologia*. Calouste Gulbenkian, São Paulo.
- _____. 2003. *Mundo em descontrol*. Record, Rio de Janeiro.
- GODOI, E. P. 1999. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Unicamp.
- GONZALEZ-RUIBAL, A. 2006. The past is tomorrow. Towards and Archaeology of the vanishing past. *Norwegian Archaeological Review*, vol. 39:110-125.
- _____; et al. 2010. Arqueología del fascismo en Etiopía (1936-1941). *EBRE* 38, vol. 10:233-254.
- GORZ, A. 2010. *Ecológica*. Annablume, São Paulo.
- GOSDEN, C. 2005. What do object want? *Journal of Archaeological Method and Theory*, vol. 12:193-211.
- GRAVE-BROWN, P.; SCHOFIELD, J. 2011. The filth and the fury: 6 Denmark Street (London) and the Sex Pistols. *Antiquity*, vol. 85:1385–1401.

- HECKENBERGER, M. 2011. Forma do espaço, língua do corpo e história xinguana. In FRANCHETTO, B. (org.). *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Museu do Índio, Rio de Janeiro. Pp. 235-278.
- HISCOCK, P.; WALLIS. 2005. Pleistocene Settlement of Deserts from an Australian Perspective. In VETH, P.; SMITH, M.; HISCOCK, P. (org.) *Desert Peoples: Archaeological Perspectives*. Wiley-Blackwell, Oxford. Pp. 34-57.
- ILLICH, I. 1975. *A convivencialidade*. Europa-América, São Paulo.
- JACKSON, P. 2004. Local consumption cultures in a globalizing world. *Transactions of the Institute of British Geographers*, vol. 29:165-178.
- LIMA, N. T. 1999. Um Sertão Chamado Brasil: *Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional*. Revan/IUPERJ-UCAM, Rio de Janeiro.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. 2011. *A Cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Companhia das Letras, São Paulo.
- MARTINS, J. S. 2008. *A sociabilidade do homem simples*. Contexto, São Paulo.
- MILLER, D. 2007. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, vol. 13, n. 28:33-63.
- MOL, A. P. J. 2000. Globalization and environment: between apocalypse-blindness and ecological modernization. In SPAARGAREN, G.; MOL, A. P. J. & BUTTEL, F. H. (ed.) *Environment and global modernity*. Sage, Londres. Pp. 121-149.
- MURRIETA, R. 2001. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia*, vol. 44, n. 2:40-88.
- ORSER JR., C. E. 2000. Taking the pulse of emerging modernity. *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 4, n. 3:275-280.
- ORTON, C. 2000. *Sampling in Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge.
- QUEIROZ, L. A. P. 2015. *Água fria é no pote do cariri cearense*. Dissertação (mestrado), UFS.
- RATHJE, W.; GONZÁLEZ-RUIBAL, A. 2006. *Garbage as ruins. The archaeology of globalization*. Paper read at the plenary session, 01-12-06, SHA 3th Annual Meeting, Sacramento.
- REDCLIFT, M. 2000. Reavaliando o consumo: uma crítica a premissas da gestão ambiental. In HERCULANO, S.; PORTO, M. F. S. & FREITAS, C. M. (org.) *Qualidade de vida e riscos ambientais*. EDUFF, Niterói. Pp.111-124.

- REDMAN, C. L. 1987. Surface collection, sampling, and research design: a retrospective. *American Antiquity*, vol. 52, n, 2:249-265.
- RIBEIRO, D. 1979. *Sobre o óbvio*. Ribeiro, D. *Ensaio Insólitos*. LPM, Porto Alegre.
- SAHLINS, M. 2004. *Cultura na prática*. UFRJ, Rio de Janeiro.
- SAHLINS, M. 1997. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, vol. 3, n. 1:41-73.
- SANTANA, J. C. B. de. 2012. *Os sertões, grande sertão*. KURY, Lorelai B. *Sertões adentro: viagens nas caatingas século s XVI a XIX*. Andrea Jakobsson, Rio de Janeiro.
- SCHMIDT, V. H. 2007. Múltiplas modernidades ou variedades da modernidade. *Revista de Sociologia Política*, vol. 28:147-160.
- SCHOFIELD, J. 2009. *Aftermath: readings in the Archaeology of Recent Conflict*. Swindon, Springer.
- SENATORE, M. X.; ZARANKIN, A. 2002. Leituras da sociedade moderna: cultura material, discursos e práticas. In ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X. (org.) *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas*. Del Tridente, Buenos Aires. Pp. 5-18.
- SKIBO, J. 1992. *Pottery function. A use-alteration perspective*. Plenum Press, Nova York.
- SNEDDON, A. 2006. Rose-coloured glasses: the Mountain Street Site, Sydney and its limitations in the search for vanished slum communities. *Australian Archaeology*, vol. 63:1-8.
- SOUTH, S. 1994. *Method and Theory in Historical Archaeology*. Academic Press, New York.
- SPAARGAREN, G. 2000. Ecological modernization theory and the changing discourse on environment and modernity. In SPAARGAREN, G.; MOL, A. P. J.; BUTTEL, F. H. (ed.) *Environment and global modernity*. Sage, Londres. Pp. 41-71.
- SYMANSKI, L. C. P. 1998. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre*. EDIPUCRS, Porto Alegre.
- TAUSSIG, M. 2010. *O Diabo e o Fetichismo da Mercadoria na América do Sul*. Unesp, São Paulo.
- TAVOLARO, S. 2005. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20:5-22.

- MAJEWSKI, T.; SCHIFFER, M. 2001. Beyond consumption: toward and archaeology of consumerism. BUCHLI, V.; LUCAS, G. (eds.) *Archaeologies of the contemporary past*. Routledge, Londres.
- THERRIEN, M.; JAMARILLO PACHECO, L.; SALAMANCA, M. F. 2004. Política cultural en la significación de la casa: contextos de reflexión sobre las cerámicas arqueológicas. *Revista de Arqueología Americana*, vol. 22:137-164.
- VETH, P.; SMITH, M.; HISCOCK, P. (ed.) 2005. *Desert Peoples: Archaeological Perspectives*. Wiley-Blackwell, Oxford.
- WALLERSTEIN, I. 1989. *The Modern World-System, v. III*. Academic Press, San Diego.
- WHEELER, K. 2000. View from the outhouse: What we can learn from the excavation of privies. *Historical Archaeology*, Vol:34: 3-19.
- WURST, L.; MCGUIRE, R. H. 1999. Immaculate consumption: a critique of the “shop till you drop” school of human behavior. *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 3:191-199.
- YEARLEY, S. 1996. *Sociology, Environmentalism, Globalization*. Sage, Londres.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. 2009. Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico. Ferrovia Transnordestina. Trecho Trindade – Eliseu Martins, Trecho Salgueiro – Porto de Suape, Trecho Missão Velha – Porto Pecém. Relatório Final Consolidado das Prospecções Extensivas e Interventivas. São Paulo.
- ZANETTINI, P. 1996. Por uma arqueologia de Canudos e dos brasileiros iletrados. *Revista Canudos*, 167-171.
- _____.; WICHERS, C. A. M. A. 2009. Cerâmica de produção local/regional em São Paulo colonial. In: MORALES, Walter F.; MOI, Flávia P. (org.) *Cenários regionais em Arqueologia Brasileira*. Annablume/Fapesp. Pp. 311-334.
- ZARANKIN, A.; SENATORE, X. 2007. *Histórias de un pasado en blanco*. Argumentum, Belo Horizonte.